



**IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**  
**XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física**



**Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

**REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Glaysen de Souza Oliveira  
Rosena Maria Alves da Luz Alvarenga  
Prof. Orientadora Ms. Maria Celeste Rocha

Resumo: O presente trabalho relata as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado na Educação Física na Educação Infantil, da Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo. O projeto de intervenção foi desenvolvido numa turma de Grupo IV de um CMEI de Vitória. Procuramos trabalhar uma prática corporal que possibilitasse contemplar os aspectos motores, expressivos, cognitivos e culturais, a partir da vivência da história “A Arca de Noé”. Por fim consideramos que trabalhar o conto e suas possibilidades proporciona a realização de uma aprendizagem significativa com a criança.

O presente trabalho relata as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado da Educação Física na Educação Infantil, do curso de Educação Física da Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo. Nesse sentido, é importante destacar que o estágio é para nós, entendido como parte importante da nossa formação como professores de Educação Física da Educação Básica e compreendeu uma carga horária de 120h, desenvolvido através de atividades de observações e análise de conjuntura do espaço escolar, vivência da rotina da instituição, planejamento e sistematização da prática pedagógica. Tendo como proposta fundamental levar os licenciandos ao contato com uma instituição educacional pública, a fim de propiciar o reconhecimento do cotidiano do CMEI e o desenvolvimento de diversas possibilidades de intervenção, desse modo, configurando como possível campo de atuação.

O Estágio Supervisionado na formação de professores tem sido alvo de grandes estudos que revelam suas dificuldades e seu potencial, gerando transformações na vida desses profissionais.

O estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia (PIMENTA E LIMA, 2004).

Nosso estágio se desenvolveu em uma turma do Grupo IV integral (que compreende a faixa etária de três a quatro anos de idade), num total de 24 crianças, no Centro Municipal de Educação Infantil Dom João Batista da Motta e Albuquerque da cidade de Vitória/ES. As intervenções aconteceram sempre às segundas-feiras no horário de



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

9:50h às 10:40h, entretanto, como já apontado por diversos autores (AYUB 2001 e BUSS-SIMÃO 1999), o trabalho da educação física na educação infantil não pode ignorar a especificidade desta, uma vez que, os momentos das aulas da Educação Física muitas vezes pode ser perpassado por um elemento da rotina das crianças na instituição. No nosso caso especificamente, nossas aulas eram divididas em 25 minutos de aula efetiva, 20 minutos de almoço e 05 de higienização pós-almoço.

Levando em consideração a especificidade de nosso momento com a turma, planejamos oito aulas com base no conteúdo Jogos e Brincadeiras, a partir do tema “Brincando na Arca de Noé”. Dessa forma, procuramos trabalhar uma prática corporal que possibilitasse contemplar os aspectos motores, expressivos, cognitivos e culturais, a partir da vivência da história “A Arca de Noé”. Como ponto de partida, utilizamos a contação de história ilustrada através do livro infantil intitulado “A Arca de Noé”. Acreditamos que, a contação de histórias como apoio ao trabalho docente na Educação Infantil, desenvolve a imaginação das crianças, permitindo-lhes criar seu próprio mundo, ou seja, “o mundo encantado das fantasias”. Além disso, o professor pode alcançar muitos objetivos por meio das histórias, pois ler histórias para criança é uma atividade prazerosa, com a qual poderá fazê-la expressar suas próprias percepções de mundo, como diz Abramovich,

[...] é ouvindo histórias que se pode sentir [...] e enxergar com os olhos do imaginário [...] abrir as portas à compreensão do mundo. (ABRAMOVICH, 1995, p.17).

Já em relação à escolha de se trabalhar com conteúdo dos jogos e brincadeiras para potencializar o trabalho com o movimento das crianças da Educação Infantil, nos embasamos em Kishimoto (1999) quando destaca:

Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para expressão do jogo, ou seja, **a ação intencional da criança para brincar**, o educador está potencializando as situações de aprendizagem. Utilizar o jogo na Educação Infantil significa transportar para o campo do ensino-aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora (KISHIMOTO, 1999, p.36-37). Grifo nosso.

Assim, percebemos como os jogos e as brincadeiras são de fundamental importância para o desenvolvimento integral da criança. Não podendo ser ignorada nas aulas, principalmente nas aulas de educação física, porém o brincar deve acontecer com a intencionalidade do professor para que ocorra o processo de ensino – aprendizagem. Por



**IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**  
**XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física**



**Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

meio dos jogos e brincadeiras, buscamos chegar a um dos objetivos gerais do Referencial Curricular para a Educação Infantil, que é o conhecimento de mundo através das diferentes linguagens, entre elas, o movimento. Especificidade inquestionável da educação física.

Tendo em vista a Educação Física como área de conhecimento, planejamos a primeira aula com o objetivo de promover interação entre nós, estagiários, e as crianças, pois estávamos em fase de adaptação com elas e com o ambiente delas. Mas, ao realizarmos nossa primeira intervenção, percebemos que as crianças foram bastante receptivas e alegres. Também era nosso propósito que as crianças interagissem umas com as outras, mesmo elas mantendo este contato diariamente, isso era uma necessidade partindo do princípio que nós não tínhamos pleno conhecimento de como se davam estes relacionamentos. Neste aspecto percebemos que as crianças interagem bem, sem disputa, especialmente quando a atividade não envolve materiais, pois, a partir do momento que permitimos que elas brincassem com os materiais no final da aula, elas começaram uma disputa pelos materiais que geraram muitos conflitos, com exceção de algumas que compartilharam os brinquedos e até inventaram outras formas de brincar por meio da imaginação, como ocorreu com algumas crianças que fizeram dos cones (utilizados para saltos) uma luneta.

Na segunda aula, após contar a história da “Arca de Noé”, realizamos a brincadeira "Sr. Lobo" no pátio interno, onde o lobo utilizava uma máscara. Essa brincadeira foi muito legal, pois as crianças conseguiram imaginar o lobo em vários momentos do cotidiano como no banho, trocando de roupa, se perfumando e etc. Segundo Vygotsky a imaginação é a base para toda a atividade criativa se manifestando assim em todos os aspectos da vida cultural. Tal pensamento justifica-se no seguinte trecho:

A importância do trabalho criador (imaginativo) se verifica no desenvolvimento da criatividade infantil, na evolução e no amadurecimento da criança, pois no plano imaginário podem ser observados os desenvolvimentos cognitivos, pelo raciocínio estimulado, assim como a memória além de uma amplitude nas noções de valores morais. (VYGOTSKY, 1996, p. 18).

A respeito da rotina, entendemos que, a pesar de sua suma importância no CMEI, às necessidades da criança deveriam vir em primeiro lugar. Mas, infelizmente, em alguns momentos percebemos que isso não ocorria, pois, como já dito anteriormente, nossa aula era perpassada pelo momento de almoço das crianças, e, em diversas ocasiões éramos exigidos a apressar ou parar o que estávamos produzindo com elas para levarmos as crianças para lavar as mãos e almoçar. Isso nos mostra que além da nossa responsabilidade de ensinar, ainda temos muito a refletir, aprender e mudar, para que a nossa prática seja totalmente em função do desenvolvimento pleno da criança.



**IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**  
**XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física**



**Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

Na terceira aula que realizamos a intervenção algo interessante ocorreu. Levamos para elas uma nova brincadeira e tiveram bastantes dificuldades de seguir o que era pedido na atividade (imitar os animais que elas conheciam reproduzindo os seus movimentos), mesmo alcançando uma melhora no final da aula, onde já estavam imitando os animais com maior desenvoltura, vimos como é de fundamental importância a repetição das atividades para que haja uma assimilação por parte delas, não somente no entendimento da mesma, mas principalmente na ligação da atividade com o cotidiano delas, o que elas vivenciam no seu lar, nas horas de lazer e em outros espaços.

O uso da imaginação e a imitação faziam parte dos nossos objetivos, porém não nos detemos nestes aspectos, optando nas aulas seguintes, em ficar atentos às necessidades referentes ao movimento das crianças. Neste sentido, na quarta aula, verificamos que as crianças tinham dificuldades de saltar, o que nos fez focar nesta habilidade em todas as outras aulas, para que elas pudessem ao final de nossas intervenções obter maior desenvolvimento nesse aspecto motor, sem abrir mão do lúdico e da fantasia.

Esta atenção aos saltos resultou, notavelmente, num avanço na forma como as crianças passaram saltar. Pois, percebemos que a cada nova brincadeira, elas realizavam os mais diversos saltos com maior destreza e confiança, especialmente na última aula. Elas já não tinham medo de arriscar, nem de se transformar nos bichinhos que solicitamos a elas imitar. É bem verdade, que o número de aulas que realizamos não foi suficiente para trabalhar os diversos saltos, o de um pé só, por exemplo, precisaria de muitas outras aulas com circuitos e brincadeiras para eles se aperfeiçoassem. Mesmo assim, dentro de nossas possibilidades e disponibilidades de aulas para a intervenção, conseguimos alcançar nosso objetivo, trabalhar os saltos com brincadeiras na imitação dos animais, associados a história da Arca de Noé.

Com referência ao planejamento, dizemos que ele deve ser uma organização das ideias e informações que subsidiarão o projeto, e no nosso caso, subsidiou nossa experiência. A esse respeito defende Libâneo,

O planejamento tem grande importância por tratar-se de: Um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. (Libâneo, 1994, p. 222)

Mas, como citamos antes, durante nossa intervenção verificamos a importância de focar nos saltos. Mudando então o nosso planejamento, deixando de praticar com as crianças outros aspectos importantes como o rastejar. Isso se deu, porque o nosso interesse vai além de cumprir o planejado, tem como base o desenvolvimento das crianças, e se para o tal acontecer é necessário mudar o planejamento, isto não deve ser um empecilho. Ele deve ser pensado não como algo imutável. É claro, que se estivéssemos no CMEI como professores titulares, que passam ali um período longo, sem dúvidas iriam dar continuidade ao planejado e até o estender, mas no período que tínhamos isso não era



**IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**  
**XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física**



**Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

possível. Mesmo assim, percebemos que esta mudança foi muito proveitosa ao destacarmos a aluna A. C., que nas primeiras aulas se mostrou uma criança introvertida, e apesar do nosso incentivo não participava das atividades, apenas observava. Contudo, com o decorrer das aulas ela foi se soltando, interagindo mais com os colegas e conosco, além de participar das atividades com alegria. Neste sentido, De Marco nos mostra a educação física como sendo,

“... um espaço educativo privilegiado para promover as relações interpessoais, a autoestima e a autoconfiança, valorizando-se aquilo que cada indivíduo é capaz de fazer em função de suas possibilidades e limitações pessoais...” (DE MARCO, 1995, p. 77).

Como considerações finais, gostaríamos de destacar nosso entendimento de que a Educação Física possui um papel fundamental para oportunizar o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos na construção dos conhecimentos. Nesta fase do ensino trabalhar o conto e suas possibilidades, pode ser uma maneira de realizar uma aprendizagem significativa com a criança, então, entendemos que para suprir suas necessidades, precisa haver criterioso planejamento, porém, mesmo este deve ser reavaliado de acordo com os resultados que forem sendo obtidos.

Avaliamos nossa experiência como muito proveitosa. Pois, se fôssemos hoje, assumir um papel de professores de educação física na Educação Infantil, cremos que estaríamos mais preparados, prontos para contribuir efetivamente com os processos de aprendizagens e desenvolvimento das crianças de 0 a 5 anos. Dispostos em retribuir os conhecimentos adquiridos e colocar em prática com maior clareza e harmonia os que já assimilamos durante a formação. Apesar dos erros cometidos como o de algumas vezes permitir que a turma se dispersasse, vemos isso como algo a ser pensado, pois com uma maior experiência, coisas deste gênero, seriam menos frequentes.

Concluimos nossas reflexões, destacando como foi de fundamental importância a vivência do estágio em todos os seus aspectos, desde a análise de conjuntura, observações, intervenções à produção de textos reflexivos, para nossa formação docente. Sem estes processos, sem as leituras e o acompanhamento necessário da orientadora, estaríamos sentenciados a uma prática ilusória e de fracasso.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1995.

DE MARCO, Ademir (org). Pensando a Educação Motora. São Paulo: Papirus, 1995.



**IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**  
**XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física**



**Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VYGOTSKY, Lev S. Teoria e método em psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1996.